

MUDANÇAS NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS NAS ÚLTIMAS DÉCADAS NA CONCEPÇÃO DE MULHERES DE DUAS GERAÇÕES: MORALIDADE E FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS

Jussara Abilio Galvão¹
Heloisa Moulin de Alencar²
Ariadne Dettmann Alves³

Resumo

Em uma perspectiva moral e ética, investigamos as mudanças nos relacionamentos amorosos nas últimas décadas e os motivos dessas transformações. Participaram do estudo 15 mulheres entrevistadas por Alencar (1993) e 15 mulheres entrevistadas atualmente, em 2013, casadas, sem filhos, entre 20 e 30 anos. Utilizamos um instrumento semiestruturado e priorizamos a análise qualitativa dos dados (Delval, 2002). As mulheres entrevistadas atualmente enfatizaram a liberdade feminina, a participação masculina no cuidado familiar e a fragilidade dos vínculos, nos dias atuais. As entrevistadas no passado sublinharam a inserção do diálogo nas relações amorosas e o fim do tabu sobre o divórcio. Como justificativas, as entrevistadas atualmente destacaram o protagonismo feminino na sociedade e a desconexão de pessoas/grupos. As participantes do passado ressaltaram a conexão de pessoas/grupos. Este estudo colabora para as pesquisas e proporciona subsídios teóricos para profissionais que trabalham com o tema em questão.

Palavras Chave: moral; ética; casamento; mulheres; amor.

¹ Psicóloga CRP 16/5289. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFES. Bolsista do CNPq - Brasil. E-mail: jussaraabgalvao@hotmail.com

² Pós-Doutora pela University of California, Berkeley. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professora Titular do departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Coordenadora do Laboratório de Psicologia da Moralidade (LAPSIM) da UFES. Bolsista Pesquisadora Capixaba da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes). E-mail: heloisa.alencar@ufes.br

³ Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: alves.ariadne@gmail.com

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e Processo nº 88881.118916/2016-01 e, também, com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes), Processo nº. 74400509.

CHANGES IN LOVE RELATIONSHIPS IN THE LAST DECADES IN THE PERCEPTION OF WOMEN OF TWO GENERATIONS: MORALITY AND FRAGILITY OF TIES

Abstract

From a moral and ethical perspective, we investigated the changes in love relationships in the last decades and the reasons for these transformations. Fifteen women interviewed by Alencar (1993) and 15 women currently interviewed, in 2013, married, without children, between 20 and 30 years old, participated in this study. We used a semi-structured instrument and prioritized qualitative data analysis (Delval, 2002). Women currently interviewed emphasized feminine freedom, male participation in family care and the fragility of ties nowadays. The interviewees in the past underlined the inclusion of dialogue in love relationships and the end of the taboo on divorce. As justification, current interviewees highlighted female protagonism in society and the disconnection of people/groups. Past participants stressed the connection of people / groups. This study contributes to research and provides theoretical support for professionals working with the issue at hand.

Keywords: morality; ethics; marriage; women; love.

Introdução

Desde os meados do século XX até os dias atuais, as relações amorosas passaram por diversas transformações. Dessa maneira, Del Priore (2012, 2014) analisou que, próximo da década de 1950, às mulheres cabia o papel de mãe e de dona de casa e aos homens a função de prover o lar. Nesse contexto, a sexualidade feminina somente era realizada por meio do matrimônio, a autoridade do marido não poderia ser questionada pela mulher e o desempenho sexual da esposa e o diálogo entre o casal não eram considerados relevantes para a receita de felicidade conjugal proposta. Acreditava-se ainda que as esposas devessem ser

submissas aos maridos (COUTINHO; MENANDRO, 2010; SECCO; LUCAS, 2015) e que tal submissão era algo inerente à natureza da mulher (CARVALHO; PAIVA, 2009; DEL PRIORE, 2012, 2014).

Além do mais, Del Priore (2012, 2014) ressaltou que o principal projeto de vida das mulheres era o casamento. Tal fato também foi constatado por Coutinho e Menandro (2010) em uma pesquisa realizada com 20 mulheres de duas diferentes gerações. Nesse estudo, as participantes mais velhas relataram que, quando casaram, por volta dos anos de 1960, o casamento era o principal objetivo da vida de uma mulher e viabilizava a estabilidade financeira, já que a maioria das mulheres não trabalhava formalmente. Del Priore (2012) explicitou que o trabalho feminino era cercado de preconceitos em virtude da crença na incompatibilidade entre a vida familiar e a profissional, isto é, acreditava-se que, com o trabalho formal, a esposa deixaria, em segundo plano, os cuidados para com o lar e com a família, o que ameaçaria a estabilidade do casamento.

Del Priore (2012) ainda expôs que a separação era o grande temor das mulheres casadas, devido às questões afetivas, financeiras e ao preconceito social que recaía sobre as mulheres separadas, as que coabitavam com um homem desquitado, e sobre os filhos nascidos desses enlances conjugais. Além disso, em Coutinho e Menandro (2010), as participantes idosas alegaram que as infidelidades masculinas deveriam ser toleradas, em virtude da discriminação das mulheres divorciadas, da manutenção do casamento e de aspectos referentes a uma 'natureza' masculina.

A tolerância às infidelidades dos maridos nos casamentos antigos também foi destacada por Del Priore (2012). E, no estudo de Galvão, Alencar e Rossetti (2016), realizado com duas mulheres casadas, de 48 e 52 anos, uma das entrevistadas explicou que, na geração passada, as esposas perdoavam as traições

dos maridos, pois tinham um lar a respeitar. Contudo, no fim do século XX, Giddens (1993) sinalizou o enfraquecimento do modelo tradicional de relação amorosa e ponderou que as mulheres passaram a não tolerar as traições masculinas.

De tal modo, nas duas últimas décadas do século XX, as relações amorosas começaram a apresentar mudanças mais nítidas, e, no entender de Del Priore (2014), nos anos de 1980, chega-se ao fim o modelo familiar em que cada cônjuge possui um papel social predefinido, isto é, o homem, o de chefe de família, provedor do lar, e a mulher o de responsável pelos afazeres domésticos e pelos cuidados com os filhos. Assim sendo, vale destacar que a igualdade entre homens e mulheres na relação amorosa foi sublinhada por Marimón e Vilarrasa (2014) e verificada na pesquisa de Secco e Lucas (2015), que entrevistaram cinco mulheres solteiras, de 30 a 45 anos; na de Smeha e Oliveria (2013) realizada com oito sujeitos, de 18 a 23 anos, de ambos os sexos; e na de Aboim (2009), que entrevistou 22 mulheres casadas, de 30 a 40 anos.

Por outro lado, Carvalho e Paiva (2009), ao entrevistarem seis mulheres de três diferentes gerações, verificaram que à mulher ainda é atribuído o papel de responsável pelo cuidado dos filhos. Heckler e Mosmann (2016), que entrevistaram cinco casais de dupla carreira, de 24 a 34 anos, ponderaram que as mulheres são as maiores responsáveis pelos cuidados domésticos, pois a participação dos maridos nestes afazeres é pontual, como se fossem um auxiliar da mulher. Jablonski (2010), em um estudo efetuado com 20 pessoas casadas, de ambos os sexos, de 30 a 45 anos, e Teykal e Rocha-Coutinho (2007), em uma pesquisa da qual participaram cinco homens, de 28 a 45 anos, que viviam em conjugalidade com mulheres que trabalhavam fora, averiguaram que a maior responsabilidade com os filhos e com os afazeres domésticos permanece sendo da mulher, cabendo aos homens um papel de auxiliar e/ou de coadjuvante nessas funções.

Vale salientar que essa diferença encontrada nos estudos retromencionados, isto é, ora a menção à igualdade no casal (MARIMÓN; VILARRASA, 2014; SECCO; LUCAS, 2015; SMEHA; OLIVEIRA, 2013; ABOIM, 2009) ora a responsabilidade do âmbito doméstico/familiar recaindo especialmente sobre a mulher (CARVALHO; PAIVA, 2009; HECKLER; MOSMANN, 2016; JABLONSKI, 2010; TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007), pode ser em virtude das mudanças que vêm ocorrendo nas relações amorosas e ainda pode indicar a coexistência de modelos tradicionais e modernos orientando as condutas dos casais.

Além do exposto, Galvão, Alencar e Alves (2017b) pesquisaram as expectativas futuras para os relacionamentos amorosos com jovens mulheres casadas, sendo que 15 delas foram entrevistadas em 1993 e outras 15 em 2013. As autoras constataram que, principalmente para as entrevistadas da primeira geração, no futuro haverá mais liberdade nos relacionamentos amorosos. Por sua vez, Giddens (1993), Llosa (2013), Galvão et al. (2016), Chaves (2010), em um trabalho com 12 sujeitos de 18 a 25 anos, de ambos os sexos, e Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2005), que entrevistaram 10 adolescentes de ambos os sexos, destacaram o aumento da liberdade sexual feminina. Assim sendo, conforme Llosa (2013), as mulheres atualmente possuem bem mais autonomia sexual do que as mulheres das gerações passadas e, segundo Chaves (2010), a mulher, além de tomar a iniciativa em um enlace amoroso, busca ativamente a sua realização amorosa e sexual.

Na pesquisa de Secco e Lucas (2015), as entrevistadas analisam que houve um aumento da autonomia e o poder de decisão da mulher na relação amorosa. Também, segundo Del Priore (2014), no fim do século XX, as mulheres preferem terminar a união do que aceitar viver em um casamento marcado pelo sofrimento, em nome da felicidade pessoal. Dessa maneira, a autora esclareceu que o divórcio deixou de ser vergonhoso e que, quando o amor termina, os sujeitos desfazem a relação amorosa para refazê-la com outrem. Por sua vez, Borges

e Magalhães (2013) enfatizaram que o divórcio pode ser entendido como um importante ponto de cisão com os padrões familiares estabelecidos até os dias de hoje.

No estudo de Coutinho e Menandro (2010), algumas participantes idosas preferiram que os casamentos melhoraram em virtude da inserção feminina no mercado de trabalho, o que permitiu à mulher não ter de tolerar mais muitas coisas. Em Secco e Lucas (2015), as entrevistadas alegaram priorizar a carreira profissional em detrimento do casamento. Del Priore (2014) ainda ponderou que está sendo comum a mulher adiar o casamento e/ou a maternidade para se dedicar à profissão. Além disso, Marimón e Vilarrasa (2014) ressaltaram que muitas mulheres se inseriram no mercado de trabalho porque perceberam a importância da independência financeira que permitia a elas sustentar a si mesmas. E Aizpuruá, Jablonski e Féres-Carneiro (2007) sublinharam o crescimento da participação financeira feminina no lar.

Assim sendo, nesse panorama de mudanças nas relações amorosas, perguntamos como o amor está sendo percebido nos relacionamentos. Segundo Bauman (2004) as pessoas tendem denominar como 'amor' qualquer experiência intensa, curta e impactante, como exemplo, noites avulsas de sexo, é denominada 'fazer amor'. Ele menciona variados conceitos para definir o amor, estando relacionado à vontade de cuidar (proteger, alimentar, abrigar), ao afeto (carícia e afago), e a ações relacionadas ao ciúme (guardar, encarcerar) ou renúncia e sacrifício.

Ademais, Marimón e Vilarrasa (2014) destacaram o amor como principal motivo para o casamento. Tal aspecto foi constatado nas pesquisas de Carvalho e Paiva (2009) e Coutinho e Menandro (2010) com adolescentes e mulheres

mais jovens, respectivamente. Por sua vez, na pesquisa de Chaves (2010), os jovens expuseram que o amor é um sentimento forte e profundo que aproxima duas pessoas e faz com elas aspirem por ficar juntas.

Galvão, Alencar e Alves (2017a) entrevistaram 30 mulheres casadas, de duas gerações, de 20 a 30 anos. As autoras notaram que, no entender das participantes, os sentimentos e o companheirismo contribuem para que o amor permaneça na conjugalidade. Na pesquisa de Aboim (2009), as mulheres priorizaram a 'ética do companheirismo' que contempla a cooperação do casal nas tarefas e nas decisões e destaca a importância de um projeto familiar em comum. Marimón e Vilarrasa (2014), ao entrevistarem 160 universitários de 18 a 24 anos, de ambos os sexos, verificaram a emergência de novos modelos de relacionamento amoroso nos quais o casal compartilha decisões e responsabilidades.

Além do exposto, Chaves (2016), em um estudo feito com 12 pessoas, de ambos os sexos, de 18 a 25 anos, averiguou que, para os entrevistados, aprofundar-se em uma relação significa envolver-se com o parceiro, compreender e aceitar que a edificação de um relacionamento amoroso requer tempo para conhecer e reconhecer a si e ao outro. Costa e Mosmann (2015), ao entrevistarem nove pessoas casadas, de ambos os sexos, de 40 a 57 anos, constataram que, no entender dos participantes, o conhecimento mútuo contribui para a melhoria do casamento, já que o casal aprende a lidar construtivamente com os conflitos. Marimón e Vilarrasa (2014) ainda mencionaram que, na edificação de um relacionamento amoroso, é importante que os parceiros saibam desfrutar do fato de se conhecerem mutuamente.

Outro elemento importante para a relação amorosa é o diálogo. Conforme, Alves-Silva, Scorsolini-Comin e Santos (2016), em uma revisão de litera-

tura, o diálogo entre marido e mulher é relevante para a manutenção de um casamento duradouro e contribui para maiores níveis de intimidade e de satisfação conjugal. Na pesquisa de Secco e Lucas (2015), as mulheres explicaram que o diálogo é um aspecto valorizado em um parceiro amoroso. No estudo de Smeha e Oliveira (2013), os jovens preferiram que buscam em um relacionamento amoroso o diálogo sincero.

Por outro lado, em Smeha e Oliveira (2013), os entrevistados mencionaram que a falta de respeito do casal dificulta o estabelecimento da união amorosa. Além disso, a ausência de respeito (CHAVES, 2010; COUTINHO; MENANDRO, 2010), de compromisso (CHAVES, 2010; GALVÃO et al., 2016; SMEHA; OLIVEIRA, 2013) e a instabilidade (CHAVES, 2010, 2016; SECCO; LUCAS, 2015) foram mencionadas como aspectos presentes nos relacionamentos amorosos. Em Galvão et al. (2016), as entrevistadas expuseram que o casamento não é mais sólido como era na geração passada. No estudo de Secco e Lucas (2015), as mulheres explicitaram a banalização do casamento e, na pesquisa de Carvalho e Paiva (2009), as mulheres idosas aludiram que as relações amorosas estão se desfazendo facilmente. Na pesquisa de Galvão et al. (2017b), as jovens mulheres alegaram que os relacionamentos amorosos serão definidos principalmente pela fragilidade dos vínculos.

A existência da fragilidade dos vínculos também foi considerada por Bauman (2004). Para o referido autor existe a 'liquidez' das relações humanas, já que quando a relação não oferece mais prazer, deve ser encerrada para a busca de outro parceiro. Nesse sentido, investiríamos em uma relação contando com um lucro, seja a sensação de segurança, o apoio quando precisa, o socorro na aflição, a companhia, o consolo, o aplauso; enfim, esperaríamos um retorno imediato do relacionamento. Pensando dessa forma, o relacionamento seria um investimento como qualquer outro, podendo ser comparado ao mercado de ações.

Os acionistas têm que estar sempre atentos para saber quando é momento de permanecer com as ações ou se desfazer delas.

Guedes e Assunção (2006) discutem o impacto da revolução tecnológica da Internet na subjetividade dos sujeitos e nas suas relações interpessoais. Este fato pode-se apresentar como indícios sobre um possível colapso das relações amorosas na contemporaneidade, uma vez que os enlaces amorosos são cada vez mais fugazes, buscando-se apenas o que seja satisfatório. Para Costa (1998) é a certeza da reciprocidade que pode manter a união de um casal. Assim, investir-se-ia na relação, considerando que há um retorno, se esse não vier, é preferível ficar sozinho. Mas isso não quer dizer que as relações amorosas estejam falindo. Guedes e Assunção (2006) defendem que esteja ocorrendo mudanças, os modelos estejam sendo reconstruídos.

De tal modo, vivemos em um momento sócio-histórico em que as relações amorosas apresentam características diferentes daquelas da segunda metade do século XX. No entender de Costa e Mosmann (2015) e de Teykal e Rocha-Coutinho (2007), parece que se trata de um período de transição em que coexistem, segundo Alves-Silva et al. (2016) e Teykal e Rocha-Coutinho (2007), concepções e formas de conduta antigas e atuais, orientando os relacionamentos afetivos.

Na base dessas mudanças, encontram-se alguns fatores como, o aumento e a facilidade da separação, a aceleração do ritmo de vida, a banalização e a generalização da infidelidade, a diminuição da tolerância para com outrem (CHAVES, 2010), a tecnologia (DEL PRIORE, 2014), o desenvolvimento dos veículos de comunicação que permitiram a rapidez do trânsito de informações (MATOS, FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2005), a mídia (COSTA; MOSMANN, 2015) e a inserção da mulher no mercado de trabalho (CARVALHO; PAIVA,

2009; DEL PRIORE, 2014; AIZPURÚA, JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2007; SECCO; LUCAS, 2015).

Cabe ressaltar que as mudanças que vêm ocorrendo nas relações amorosas interessam ao campo da Psicologia da Moralidade, pois, em um enlace amoroso, o eu e o outro podem ocupar diferentes papéis. Dessa maneira, passaremos a tecer as nossas considerações sobre a moral e a ética. Jean Piaget (1932/1994) foi o pioneiro nas pesquisas empíricas sobre o desenvolvimento do juízo moral. O autor, ao entrevistar principalmente sujeitos do sexo masculino, constatou que, por volta dos seis anos de idade, das relações de coação e do respeito unilateral à autoridade adulta emerge a heteronomia moral e que, ao redor dos nove anos de idade, das relações de reciprocidade entre os pares e do respeito mútuo é desenvolvida a autonomia moral em que o sujeito adquire a capacidade de articular diferentes pontos de vista, podendo, assim, colocar-se na perspectiva do outro.

Devemos mencionar também a discussão feita por Gilligan (1982). Esta autora defende duas orientações possíveis: 'ética da justiça' e a 'ética do cuidado'. A primeira, geralmente mencionadas por homens, considera o sujeito submetido a deveres que decorre do direito do outro. A segunda se caracteriza por levar em consideração as necessidades específicas de todas as pessoas inseridas no contexto, sem que ninguém seja excluído, aspectos especialmente mensurados por mulheres. Assim, por meio da 'ética do cuidado' existe uma tendência de uma pessoa se conceituar em um ambiente de relações interpessoais no qual desempenha a função de cuidador ou cuidadora e de companheiro ou companheira, buscando a permanência da conexão entre as pessoas.

Por sua vez, La Taille (2006) definiu os planos moral e ético. No entender do autor, o plano moral se relaciona com âmbito dos deveres e o plano ético

com a busca por uma vida boa e feliz. Porém, para que essa vida boa e feliz seja considerada ética, ela deve contemplar as necessidades, a singularidade e a dignidade do eu e do outro e envolver a vida por inteiro, e não apenas momentos de prazer.

La Taille (2009) ainda discutiu sobre o modo de vida atual e ponderou que vivemos em uma ‘cultura do tédio’ caracterizada pela ausência de valores estáveis, em virtude da intensa velocidade em que as coisas se sucedem, e por uma carência de sentido, um tédio existencial, no qual há busca por constantes prazeres, sendo o objetivo primordial o divertimento. Além disso, há exaltação da ‘cultura da vaidade’, em que há a busca em ser o ‘vencedor’ e uma vergonha em ser considerado ‘perdedor’. Nesse contexto o outro é invisível, sendo que “cada um fica centrado em seu pequeno ‘universo particular’, despreocupado ou inconsciente da presença de outrem e de seus anseios” (LA TAILLE, 2009, p. 201). Desse modo, as pessoas podem perder as bases para a edificação de um projeto de vida ético em longo prazo que vise à felicidade e ao bem-estar do eu, do outro e da sociedade (LA TAILLE, 2006).

Ademais, Alves, Alencar, Ortega, Galvão e Fonseca (2015) investigaram o conceito de amor com 17 mulheres casadas, de idades entre 20 e 30 anos, na ótica da Psicologia da Moralidade. A principal concepção de amor apresentada pelas mulheres foi o sentimento e elas fundamentaram as suas respostas explicitando a conexão com um grupo/pessoas próximas, a qual envolveu principalmente a influência de familiares, e a conexão com a sociedade, ou seja, a interferência do meio social na construção do que elas entendem como amor.

Assim sendo, devido às transformações que vêm ocorrendo nos relacionamentos amorosos e ao fato de estes se inserirem no campo da Psicologia da Moralidade, neste estudo temos o objetivo de investigar a concepção de jovens

mulheres entrevistadas por Alencar (1993) e a de jovens mulheres que entrevistamos em 2013 sobre as mudanças nas relações amorosas dos casais em geral nas últimas duas décadas, os motivos das referidas transformações e de verificar se há ou não diferenças entre as respostas das mulheres das duas gerações, na perspectiva moral e ética. Isso posto, apresentaremos a metodologia utilizada neste trabalho.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 15 mulheres entrevistadas por Alencar (1993) e 15 mulheres entrevistadas atualmente, em 2013, de 20 a 30 anos, de classe média, sem filhos, as quais viviam em conjugalidade com homens. As participantes em geral foram eleitas por meio de indicação. A escolha por mulheres jovens que coabitavam com os seus parceiros foi em virtude de inferirmos que essas participantes estejam vivenciando mais intensamente as mudanças nos relacionamentos amorosos das últimas décadas. A opção por mulheres sem filhos consistiu em afastar as prováveis influências dessa característica nos resultados. Por fim, elegemos entrevistar sujeitos de classe média porque consideramos a possibilidade de encontrarmos certa comunhão de valores e de crenças, em mulheres pertencentes às camadas médias. Além do mais, Aboim (2009) sublinhou que é provável que o ideal de igualdade e o individualismo sejam mais presentes nas camadas médias brasileiras, o que contribui para a constituição de novos modelos de uniões amorosas. Senna (2015) ainda esclareceu que a classe média pode contribuir para a construção de novos pontos de vista e para relevantes mudanças sociais como as que presenciamos desde a era medieval.

Instrumento

Tanto as mulheres entrevistadas em 1993 quanto as que entrevistamos em 2013 responderam um roteiro de entrevista semiestruturado que continha as seguintes perguntas: 1) Hoje, em relação aos casais em geral, pensando em casais mais velhos e nos de nossa geração, você acha que houve ou não mudanças no relacionamento amoroso? 1.1) (se positiva a resposta da questão um) Quais foram as referidas mudanças na relação amorosa? 1.2) Por quê?

Procedimentos

As entrevistas foram realizadas de modo individual em dia, local e horário escolhidos pelas mulheres, gravadas em áudio, transcritas e os protocolos conservam-se guardados em arquivos pessoais das pesquisadoras.

As participantes da atualidade, em 2013, apresentamos um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) em que explanamos os objetivos desta pesquisa, asseveramos o anonimato e explicamos que poderiam desistir de participar do estudo a qualquer instante, sem agravo. Ponderamos, ainda, que este trabalho seguia os padrões éticos da Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º 466/2012 (2012) e que foi validado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o parecer de número: 419.793. Esclarecemos que como em 1993 não havia a exigência da assinatura do TCLE, as mulheres entrevistadas nesse período expuseram o seu consentimento de forma verbal.

Análise dos dados

Priorizamos a análise qualitativa dos dados com base na proposta de Delval (2002). Dessa maneira, efetuamos uma leitura flutuante dos 30 protocolos de entrevistas com o objetivo de encontrar tendências gerais nas repostas das participantes. Em seguida, elaboramos as categorias de análise autoexcludentes, conforme o critério de similaridade entre as repostas das mulheres. Por último,

adotamos tabelas, números, percentuais e redigimos os nomes das categorias em itálico e entre aspas simples no texto, com a finalidade de melhor expor e discutir os resultados.

Resultados e discussão

Todas as entrevistadas mencionaram que houve mudanças nas relações amorosas dos casais em geral de uma geração para a outra. E, ao indagarmos quais foram as referidas mudanças, as mulheres aludiram a 277 respostas que estabelecemos em 22 categorias que se encontram expostas na Tabela 1. Sublinhamos que a ordem na qual as categorias serão discutidas e/ou apresentadas no texto será diferente da exibida na Tabela 1. Dessa maneira, iniciaremos com as categorias que não tiveram diferença percentual relevante entre as respostas das mulheres das duas gerações e, em seguida, exporemos as que apresentaram tal diferença. Explicamos que por percentual relevante consideramos as categorias que apresentaram mais de 5% de diferença ou que somente contemplaram respostas de um grupo de entrevistadas. Destacamos que o cálculo da porcentagem foi realizado com base no número de repostas expressas pelas participantes e que adotamos nomes com a inicial 'P' para nos referirmos às mulheres entrevistadas no passado (1993) e com inicial 'A' para as da atualidade (2013).

Tabela 1.

Mudanças nos relacionamentos amorosos dos casais de modo geral da geração passada para os dias atuais.

Categorias	Participantes					
	Atual		Passado		Total	
	N	%	N	%	N	%
Liberdade/direito de falar e de agir	24	18,6%	18	12,2%	42	15,2%
Os papéis no mercado de trabalho	9	7%	17	11,5%	26	9,4%
Cuidado com a família	13	10,1%	6	4%	19	6,9%
Fragilidade dos vínculos	12	9,4%	4	2,7%	16	5,8%
Diálogo	3	2,3%	13	8,8%	16	5,8%

Independência financeira feminina	11	8,6%	3	2%	14	5%
Divisão nas tarefas domésticas	7	5,4%	6	4%	13	4,7%
Divórcio	2	1,5%	10	6,8%	12	4,3%
Aspirações/felicidade	2	1,5%	10	6,8%	12	4,3%
Sentimentos no casamento	8	6,2%	3	2%	11	4%
Submissão feminina	7	5,4%	4	2,7%	11	4%
Instabilidade/ansiedade	0	0%	11	7,4%	11	4%
Infidelidade	1	0,8%	8	5,4%	9	3,2%
Companheirismo	7	5,4%	1	0,7%	8	2,9%
Respeito	5	3,9%	3	2%	8	2,9%
Sinceridade/honestidade	0	0%	8	5,4%	8	2,9%
Igualdade entre homens e mulheres	3	2,3%	3	2%	6	2,2%
Indissolubilidade do casamento	2	1,5%	5	3,4%	7	2,5%
Machismo	3	2,3%	2	1,4%	5	1,8%
Conhecimento de si e do outro	1	0,8%	4	2,7%	5	1,8%
Convivência	4	3,1%	0	0%	4	1,4%
Outros	5	3,9%	9	6,1%	14	5%
Total	129	100%	148	100%	277	100%

Iniciaremos a nossa discussão e/ou apresentação dos resultados com as categorias que não apresentaram diferenças relevantes entre as respostas das participantes das duas gerações. Dessa maneira, as entrevistadas ressaltaram que mudaram *'os papéis no mercado de trabalho'*, ou seja, elas proferiram que antigamente as mulheres praticamente não podiam trabalhar fora, pois as que trabalhavam ou eram professoras, ou trabalhavam pouco. Quanto aos casais mais jovens, as participantes disseram que a mulher trabalha e está na rua tanto quanto o homem, e que o casal divide mais os papéis, pois ambos sustentam a casa. Elas expuseram ainda que a mulher pode adiar o sonho da maternidade e buscar a realização profissional, é educada para ter uma profissão, há homens que precisam que as esposas trabalhem mais e sentem orgulho da mulher trabalhadora/profissional. Vejamos as palavras de Perla:

[...] as mulheres não tinham, ou tinham muito menos opções, não é, eram poucas as que trabalhavam, a maioria tinha, era, era no lar mesmo [...] Hoje não, elas tem tanto a opção, se elas quiserem trabalhar, se elas acharem que isso vai, vai trazer uma felicidade, vai trazer uma coisa para elas [...].

Aproximando-se desses relatos, Del Priore (2012) sublinhou o preconceito em torno do trabalho feminino, em meados do século passado, em virtude da crença na incompatibilidade entre a vida familiar e profissional da mulher. Por sua vez, no estudo de Coutinho e Menandro (2010), as participantes idosas destacaram a inserção feminina no mercado de trabalho como relevante para o casamento. Ademais, a priorização da carreira profissional em detrimento do casamento (SECCO; LUCAS, 2015; DEL PRIORE, 2014) e/ou da maternidade (DEL PRIORE, 2014) foi constatada na literatura.

As entrevistadas expuseram mudanças na *'divisão nas tarefas domésticas'*, pois, na geração anterior, cabia à mulher o cuidado da casa. Contudo, elas sublinharam que, nos dias atuais, houve uma distribuição das tarefas do lar entre os cônjuges, e que o espaço doméstico também é responsabilidade do homem que vai ser mais presente nas atividades do lar e ajudar nas tarefas domésticas. O depoimento de Alana ilustra essa categoria: “[...] O espaço doméstico que era uma responsabilidade da mulher acaba tendo que dividir entre os dois, também. Acaba sendo uma responsabilidade do homem, também. [...]”.

Apesar de a maioria dos relatos inseridos nessa categoria indicar a distribuição das tarefas do lar entre os cônjuges e maior participação do homem nos afazeres domésticos, conforme Jablonski (2010), Teykal e Rocha-Coutinho (2007) e Heckler e Mosmann (2016) a mulher ainda é a principal responsável pelas tarefas do lar, pois o homem exerce papel auxiliar nessa função.

Outra mudança declarada pelas entrevistadas foi a *'igualdade entre homens e mulheres'*, isto é, as participantes disseram que atualmente as relações amorosas são mais igualitárias e existe uma igualdade no casal, já que cada cônjuge tem a mesma autonomia no relacionamento. O relato de Alessandra exemplifica essa categoria: “[...] Hoje quando há um casal é uma igualdade entre o casal, não é? Agora são os dois que mandam. Não é só um, não é? Então, você tem a mesma autonomia que o homem tem”. Em acordo com os esses dados, a igualdade entre homens e mulheres na relação amorosa foi sublinhada na pesquisa de Aboim (2009), Marimón e Vilarrasa (2014), Secco e Lucas (2015) e na de Smeha e Oliveira (2013).

Além do exposto, as participantes destacaram que, na geração passada, havia o *'machismo'*, ou seja, o homem mandava e desmandava, era mais machista e queria a mulher mais dentro de casa. Por sua vez, em *'submissão feminina'*, as entrevistadas alegaram que, nas décadas anteriores, a mulher era praticamente educada para ser submissa ao marido e atualmente não é mais submissa, pois sabe dizer não ao marido. Observemos o esclarecimento de Alice: “[...] Antes a mulher era muito submissa, não é? Era muito controlada, não é? Pelo esposo. [...]”. Assim sendo, em conformidade com esses relatos, a submissão feminina nos casamentos antigos foi destacada por Del Priore (2012, 2014) e verificada no estudo de Carvalho e Paiva (2009), Coutinho e Menandro (2010) e no de Secco e Lucas (2015).

Sobre a *'infidelidade'* masculina nos casamentos antigos, as mulheres disseram que, na geração passada, os homens se achavam no direito de terem amantes e as mulheres não reclamavam das traições dos maridos, sofriam caladas. Ademais, as entrevistadas proferiram que, anos depois, a mulher também passou a trair e a arrumar amante. Vejamos o discurso de Penha: “[...] o homem tinha essa coisa de ter que ter mulheres fora, não é. [...] A mulher também trai

hoje, não é? [...]”. De tal modo, a tolerância às infidelidades masculinas, expressa pelas participantes, foi mencionada por Del Priore (2012), na pesquisa de Galvão et al. (2016) e na de Coutinho e Menandro (2010). Contudo, Giddens (1993) sublinhou que as mulheres deixaram de tolerar as infidelidades masculinas e também passaram a trair.

Posto isso, as participantes mencionaram a *‘indissolubilidade do casamento’* na geração anterior em virtude da dificuldade do casal em saber quando a relação terminava, da não reivindicação feminina no casamento, da exigência e da discriminação social principalmente em relação à mulher divorciada. Porém, as entrevistadas alegaram que, nos casais mais novos, os sujeitos ficam juntos enquanto há amor e, ao perceberem que o amor acabou, vão à luta. Conforme relatou Pietra: “[...] eu acho que antigamente, ou os casamentos de mais anos, as pessoas tem essa dificuldade para saber quando acabou. [...] mas eu acho que as pessoas hoje [...] Conseguem perceber quando o amor acabou e vão à luta. [...]”.

Em semelhança com esses dados, no estudo de Secco e Lucas (2015), as mulheres disseram que a submissão feminina colaborava para a durabilidade do casamento. Por outro lado, Del Priore (2014) ressaltou que, quando o amor termina, as pessoas desfazem a sua união amorosa para refazê-la com outrem.

Além do mais, mudaram os *‘sentimentos no casamento’*, já que, segundo as entrevistadas, antigamente, as pessoas se casavam sem ter o que chamamos hoje de amor. Contudo, na atualidade, a única coisa que une o casal é o amor, as pessoas se juntam ou se casam em virtude do querer, da espontaneidade, do sentimento e do afeto. As participantes ainda alegaram que o casamento é mais gostoso porque se está com quem ama e a manutenção da relação vai ser mais voluntária.

Dessa maneira, em conformidade com esses relatos, Carvalho e Paiva (2009), Chaves (2010), Coutinho e Menandro (2010) e Marimón e Vilarrasa (2014) verificaram que o amor é compreendido como um dos melhores motivos para a união amorosa. Galvão et al. (2017a) constataram que os sentimentos colaboram para a manutenção do amor na conjugalidade. Em Alves et al. (2015), as mulheres aludiram o sentimento ao conceituarem o amor. Vale frisar ainda que as declarações expressas pelas participantes sobre o amor nessa categoria divergem do que apontou Bauman (2004), ou seja, destoam do fato de que o amor costuma ser visto pelas pessoas como experiências efêmeras, fugazes.

As participantes explanaram que há mais '*companheirismo*' nas relações amorosas atuais, isto é, o homem ficou mais companheiro da mulher que também vai chegar com coisas para contar, para compartilhar com o marido. Ademais, as entrevistadas mencionaram que o casal compartilha a vida, que as decisões tomadas na relação são mais compartilhadas e que é preciso ter mais cumplicidade. Assim, explicou Alice: “[...] Eu acredito que o homem ficou mais companheiro com a mulher. [...]”.

Indo ao encontro dessa categoria, Marimón e Vilarrasa (2014) frisaram a emergência de novas formas de união amorosa caracterizadas pelo compartilhar decisões e responsabilidades. Na pesquisa de Aboim (2009), as mulheres enfatizaram a ética do *companheirismo* que envolve a cooperação entre o casal e a importância do projeto familiar em comum. Gilligan (1982) sublinhou a ética do cuidado na qual geralmente a mulher exerce o papel de *companheira*, visando à manutenção das relações. Em Galvão et al. (2017a), as mulheres expuseram o *companheirismo* como um aspecto que contribui para a permanência do amor na vida conjugal.

Outra mudança expressa pelas entrevistadas consiste no fato de que, nos casais mais jovens, existe maior '*conhecimento de si e do outro*', isto é, a conjugalidade alcança maior nível de conhecimento mútuo, as mulheres estão buscando mais conhecimento e podem conhecer-se mais, as pessoas se conhecem melhor e mais rápido. Vejamos o relato de Patrícia: "[...] a minha relação com o Zé, ela atinge um nível de conhecimento do outro, sabe, não sei explicar, muito maior do que exatamente o meu, os meus pais, entendeu? [...]". Vale frisar que a relevância do conhecimento mútuo em uma união amorosa foi ressaltada por Marimón e Vilarrasa (2014) e verificada no estudo de Costa e Mosmann (2015) e no de Chaves (2016).

Além do mais, segundo as entrevistadas, o '*respeito*' entre as pessoas está diminuindo. No entender delas, as pessoas não têm mais respeito umas pelas outras, já que os casais se agridem verbalmente, os filhos não respeitam os pais e os valores como, o respeito ao próximo, ser ético e querer construir uma família, se perderam muito. Nesse contexto, as mulheres disseram que o homem tem que aprender a respeitar a mulher que trabalha fora e tem outra rotina. Observemos a declaração de Aléxia: "[...] 'Ah'! A falta de respeito eu acho que é um. Porque a gente vê as pessoas conversando, uma falta de respeito".

A ausência de respeito, mencionada pelas mulheres, foi constatada no trabalho de Chaves (2010), Coutinho e Menandro (2010) e no de Smeha e Oliveira (2013). Ademais, frisamos a importância do respeito unilateral para entrada no universo moral e do respeito mútuo para a emergência da autonomia moral (Piaget, 1932/1994). Dessa maneira, entendemos que a ausência de respeito entre os sujeitos pode prejudicar o desenvolvimento do juízo moral, o que torna necessárias a elaboração e a prática de projetos de intervenção em escolas, comunidades e grupos terapêuticos ou não, com pessoas de todas as idades, que visem promover o respeito entre as pessoas.

Posto isso, passaremos a discutir e/ou apresentar as categorias que obtiveram diferenças relevantes entre as respostas dos dois grupos de mulheres. Iniciaremos com as que foram mencionadas especialmente pelas entrevistadas em 2013. De tal modo, as participantes disseram que os casais mais antigos não consideravam tanto a '*convivência*' como também, hoje em dia, falta paciência em conviver. Elas ponderaram que atualmente os casais precisam aprender a conviver com as diferenças, e a convivência é mais voluntária.

As mulheres ressaltaram a '*fragilidade dos vínculos*' nos dias atuais, pois existem o ficar e a despreocupação com outrem e falta paciência de tentar. Nesse contexto, as pessoas acabam não se aceitando, não assumindo compromisso e se separam facilmente por motivos banais, como o fim da atração física. As participantes também expuseram que o casamento perde a credibilidade, já que é banalizado e mostrado como se fosse ruim. Sendo assim, sublinhamos que a fragilidades dos vínculos expressa pelas participantes foi discutida por Bauman (2004) e verificada por Galvão et al. (2017b). Destacamos que o ficar e a falta de preocupação e de compromisso com outrem, proferidos nessa categoria, podem estar relacionados com a perda da saliência do outro, característica da cultura da vaidade.

Também, em similaridade com os nossos dados, a ausência de compromisso para com outrem foi constatada no estudo de Smeha e Oliveira (2013), Chaves (2010) e Galvão et al. (2016). Ademais, a facilidade em que as relações se desfazem (CARVALHO; PAIVA, 2009), a instabilidade nos relacionamentos (CHAVES, 2010, 2016; SECCO; LUCAS, 2015), a banalização do casamento (SECCO; LUCAS, 2015) foram destacadas na literatura. Por fim, vale sublinhar que os relatos expressos pelas entrevistadas na categoria em questão são contrários à edificação de um plano de vida ético que deve envolver a vida por inteiro e o eu e o outro em suas singularidades e necessidades (LA TAILLE, 2006).

Outra categoria expressa pelas mulheres foi o *'cuidado com a família'*, já que, segundo as entrevistadas, na geração passada, o cuidado dos filhos e do marido recaía sobre a esposa. Porém, hoje, talvez os papéis tenham mudado e haja uma troca de função, isto é, o esposo cuida das crianças e a mulher trabalha. Elas alegaram que a mulher vai ficar menos tempo em casa e o homem vai ter que ajudar, e que o marido também se responsabiliza e é mais presente na educação dos filhos. Embora esses resultados indiquem maior participação do homem nos cuidados com os filhos, verificamos na literatura que a maioria dos cuidados com a prole ainda recai sobre a mulher, cujo esposo desempenha um papel coadjuvante nessa tarefa (JABLONSKI, 2010; CARVALHO; PAIVA, 2009; TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Assim sendo, destacamos que a diferença entre as categorias *'divisão nas tarefas domésticas'* e *'cuidado com a família'* e a literatura (JABLONSKI, 2010; CARVALHO; PAIVA, 2009; TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007; HECKLER; MOSMANN, 2016) pode indicar que estamos passando por um período de transição no qual coexistem antigas e novas formas de relacionamento amoroso, orientando os comportamentos pessoais.

Além do exposto, as participantes sublinharam a *'liberdade/direito de falar e de agir'* que, na geração anterior, eram limitados às mulheres que eram mais dependentes emocionalmente dos homens. Elas também alegaram que havia a repressão sexual da mulher que somente iria conhecer o sexo no casamento. As entrevistadas proferiram que, nos dias atuais, a mentalidade da mulher mudou, já que ela não fica mais à disposição do marido. Ademais, a mulher é educada para ter uma vida social e afetiva, exerce vários papéis na sociedade e tem mais liberdade de se expressar e de tomar decisões. Como exemplo, notemos o relato de Alice: “[...] As mulheres tem mais liberdade de expressar o que estão pensando, não é? De tomar as decisões que querem na vida, não é?”

Esses dados vão ao encontro de Del Priore (2012, 2014) ao explicar que, em meados do século passado, a sexualidade feminina somente se realizava por meio do matrimônio, o prazer sexual da mulher não era considerado relevante na conjugalidade e as esposas não podiam questionar os maridos. Contudo, Chaves (2010), Giddens (1993), Llosa (2013), Matos et al. (2005) e Galvão et al. (2016) destacaram o ganho da liberdade sexual feminina nas décadas seguintes. Além disso, Secco e Lucas (2015) averiguaram o aumento da autonomia feminina e o acréscimo do poder de decisão e da liberdade de expressão da mulher. E, em Galvão et al. (2017b), especialmente as entrevistadas da primeira geração alegraram que haverá mais liberdade nos relacionamentos.

As entrevistadas ainda expuseram a *'independência financeira feminina'*, pois, antigamente, o homem era o provedor do lar e a mulher a dona de casa. Assim, para elas, a mulher casava para ter um marido que a sustentasse, porque era conveniente casar e ruim ser desquitada. O lar era o refúgio feminino e alguns casamentos se baseavam em interesses econômicos. As participantes explanaram que, na atualidade, muitas mulheres mantêm sozinhas uma casa, pois o marido pode ficar doente ou desempregado, contribuem financeiramente no lar e não precisam casar-se por questões financeiras.

O modelo do homem provedor e da mulher dona de casa, ressaltado pelas entrevistadas, segundo Del Priore (2014), perdurou até por volta dos anos de 1980. Na pesquisa de Coutinho e Menandro (2010), as participantes idosas explicaram que o casamento era o principal objetivo feminino e possibilitava a estabilidade financeira. Além disso, a percepção feminina da importância de sua independência financeira (MARIMÓN; VILARRASA, 2014) e o aumento da participação econômica da mulher no lar (AIZPURÚA et al., 2007) foram sublinhados na literatura.

Dito isso, passaremos a apresentar e/ou discutir as categorias elencadas especialmente pelas mulheres entrevistadas em 1993. Dessa maneira, as participantes explanaram transformações no *'diálogo'* entre as gerações, pois, antigamente, os casais não questionavam a qualidade da relação amorosa. As mulheres proferiram que, na geração mais nova, o casal se autoanalisa, discute mais, os papéis são mais conversados e, até em termos de fidelidade, há mais diálogo. Elas ainda disseram que atualmente os casais estão buscando melhorar a relação por meio do diálogo, conversando e questionando mais.

Em consonância com essa categoria, Del Priore (2012, 2014) explicitou a carência de diálogo entre os casais, nas gerações passadas. Contudo, na atualidade, o diálogo é valorizado na escolha do parceiro (SECCO; LUCAS, 2015), almejado em uma relação amorosa (SMEHA; OLIVEIRA, 2013), contribui para a manutenção de um casamento em longo prazo e com maiores níveis de intimidade e de satisfação conjugal (ALVES-SILVA et al., 2016).

As entrevistadas disseram que há mais *'sinceridade/honestidade'* entre os casais, pois as relações amorosas estão mais abertas, sinceras, diretas e espontâneas. Elas alegaram que é possível dizer para o cônjuge que o casamento acabou, devido à menor influência social e religiosa nos relacionamentos amorosos.

As mulheres também proferiram que as *'aspirações/felicidade'* mudaram, pois, antigamente, os casais almejavam a felicidade dos filhos e uma família ajustada. No entender das participantes, na geração mais jovem, a mulher pode buscar mais a sua felicidade e o homem algo diferente na mulher. Elas mencionaram que ninguém está disposto a ser infeliz e o sujeito luta pela felicidade pessoal, e não a alheia. O relato de Pilar exemplifica essa categoria: “[...] todo mundo quer ser feliz, não importa como. [...] Hoje em dia, você luta para ser feliz, e não para quê as outras pessoas sejam felizes”.

Cabe ressaltar que esses dados, em parte, não correspondem ao ideal do plano ético (LA TAILLE, 2006) e da ética do cuidado (GILLIGAN, 1982) nos quais o bem-estar e a felicidade de todos os envolvidos na relação devem ser considerados. Além disso, Del Priore (2014) destacou que as mulheres não estão dispostas a viver em um casamento infeliz, pois preferem desfazer a união e ir à busca da felicidade pessoal.

Os tabus sobre o *'divórcio'* no passado também ganharam destaque nos relatos das entrevistadas, pois elas mencionaram que antigamente a separação não era permitida quando o casamento se desgastava. As participantes alegaram que o homem que se separasse dificilmente conseguiria formar outra família e, se assim o fizesse, não seria uma família digna para a sociedade da época; e a mulher desquitada representava um perigo para as outras e era presa fácil para os homens. Na geração mais nova, não existe o tabu da mulher divorciada, e as pessoas não temem enfrentar os problemas que podem advir de uma separação.

Essa categoria vai ao encontro de Del Priore (2012), que explicou que, em meados do século XX, a sociedade discriminava as pessoas divorciadas e os filhos nascidos em famílias constituídas por sujeitos separados. Todavia, segundo Del Priore (2014), décadas depois, com a separação do casamento e da sexualidade dos dogmas religiosos e da procriação, o divórcio deixou de ser vergonhoso e, conforme Borges e Magalhães (2013), pode ser considerado como um ponto de quebra com os modelos familiares estabelecidos até agora.

Por último, as participantes aludiram a *'instabilidade/ansiedade'*, pois as pessoas estão muito instáveis depois do pós-tudo e há muita angústia, ansiedade e tensão. As mulheres disseram que os jovens não sabem o que estão fazendo, não sabem bem o futuro deles. Observemos o relato de Paula: “[...] as pessoas

estão muito mais instáveis, não é? Depois de tudo, pós- tudo, pós-revolução sexual [...] pós-AIDS [...] Eu acho que tem muita ansiedade nisso tudo”. Tais depoimentos nos remetem à cultura do tédio caracterizada pela ausência de valores estáveis e de sentido (LA TAILLE, 2009), o que pode trazer implicações para os relacionamentos amorosos. Ademais, Chaves (2010, 2016) e Secco e Lucas (2015) destacaram a instabilidade nas relações amorosas.

Posto isso, indagamos às entrevistadas os motivos das referidas mudanças nas relações amorosas dos casais de modo geral. Elas mencionaram 135 justificativas em que foi possível analisarmos a maneira como a sociedade ou grupos de pessoas foram inseridos nesses argumentos, que organizamos nas categorias expostas na Tabela 2.

Tabela 2.

Justificativas para as referidas mudanças nos relacionamentos amorosos dos casais em geral, da geração anterior para os dias atuais.

Categorias	Participantes					
	Atual		Passado		Total	
	N	%	N	%	N	%
Autocentrado na mulher	15	21,4%	11	16,9%	26	19,3%
Conexão da mulher com a sociedade	15	21,4%	7	10,8%	22	16,3%
Desconexão na sociedade	10	14,3%	11	16,9%	21	15,6%
Conexão na sociedade	10	14,3%	10	15,4%	20	14,8%
Desconexão de pessoas/grupos	12	17,1%	4	6,1%	16	11,9%
Conexão de pessoas/grupos	2	2,9%	9	13,9%	11	8,1%
Conexão da mulher com o homem	5	7,2%	6	9,2%	11	8,1%
Dado perdido	1	1,4%	2	3,1%	3	2,2%
Outros	0	0%	5	7,7%	5	3,7%
Total	70	100%	65	100%	135	100%

Primeiramente discutiremos e/ou apresentaremos as categorias que não apresentaram diferenças relevantes entre os argumentos pronunciados pelas

mulheres das duas gerações. De tal modo, as mulheres aludiram à categoria *'autocentrado na mulher'* reportando à mulher o papel de protagonista da própria história de vida. Assim, elas argumentaram que as uniões amorosas mudaram porque a mulher começou a acreditar mais em si, ganhou a liberdade sexual, ficou independente, sente-se mais feliz, completa e útil e tem a mentalidade mais formada. As participantes ainda explicaram que a mulher se casa para se dedicar à vida dela, e não ao lar; tem a liberdade de fazer o que quer, entra na relação amorosa com mais segurança e possui autonomia sobre si e sobre o seu corpo.

As participantes sublinharam a *'desconexão na sociedade'*, já que vivemos em um momento confuso em que faltam modelos de conduta, e o imediatismo em tudo vai para a relação amorosa. Elas também explanaram que as mudanças nos enlaces amorosos ocorreram devido às drogas, à guerra, à violência, à Aids, à tecnologia, à mídia, à banalização do divórcio, do recasamento e da infidelidade. Vejamos o relato de Ana: “[...] o imediatismo em tudo e eu acho que isso vai para o relacionamento”.

Lembramos que, em acordo com esses dados, o aumento e a facilidade da separação, a banalização e a generalização da infidelidade, a aceleração do ritmo de vida (CHAVES, 2010), a tecnologia (DEL PRIORE, 2014; GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006), o desenvolvimento dos veículos de comunicação (MATOS et al., 2005) e a mídia (COSTA; MOSMANN, 2015) foram considerados como motivos das mudanças nos relacionamentos amorosos. Além do mais, vivemos um momento em que todas as coisas se sucedem em intensa velocidade, o que colabora para a ausência de valores estáveis, para orientar as concepções e as condutas das pessoas (LA TAILLE, 2009).

Em *'conexão na sociedade'*, as mulheres explicaram que vivemos um período de transição que envolve o pós-mercado de trabalho, os movimentos e as

conquistas sociais, a revolução, a evolução cultural e do mundo e a adaptação aos tempos modernos. Vale frisar que a situação de que estamos vivendo em um momento de transição, explanada pelas mulheres, também foi proferida por Costa e Mosmann (2015), Alves-Silva et al. (2016), Guedes e Assunção (2006) e por Teykal e Rocha-Coutinho (2007).

As entrevistadas destacaram a *'conexão da mulher com o homem'*, isto é, o fato de que a mulher está buscando espaço no âmbito profissional com o homem, que cedeu lugar para isso acontecer. Ademais, as participantes explicaram que a visão feminina é mais ampla e há tarefas em que a mulher é mais eficiente do que o homem. Elas alegaram também que não sabemos até que ponto uma mulher mais determinada e objetiva não ameaça a postura do homem na relação.

Posto isso, apresentaremos e discutiremos as categorias que inseriram especialmente justificativas de mulheres entrevistadas em 2013. Assim sendo, as participantes expressaram a *'conexão da mulher com a sociedade'*, isto é, a inserção feminina no mercado de trabalho e o fato de a mulher estar mais envolvida nas questões sociais. As entrevistadas proferiram que várias mulheres foram revolucionárias, buscaram o lugar delas na sociedade, lutaram pela igualdade e, assim, direitos femininos foram conquistados. Além disso, elas explanaram que houve uma mudança na concepção do que é ser mulher e do papel social feminino.

De tal modo, a conexão com a sociedade foi constatada na pesquisa de Alves et al. (2015). Ainda em proximidade com essa categoria, a inserção da mulher no mercado de trabalho foi destacada como um aspecto relevante para as mudanças nas relações amorosas (AIZPURÚA et al., 2007; CARVALHO; PAIVA, 2009; DEL PRIORE, 2014; SECCO; LUCAS, 2015).

Na categoria *'desconexão de pessoas/grupos'*, as participantes explicaram que as mudanças nos enlaces amorosos ocorreram em virtude da ausência de

carinho, de gentileza e do distanciamento entre as pessoas. Elas alegaram que os sujeitos estão menos tolerantes, pacientes e comprometidos uns com os outros, pois vão morar juntos e trocam rapidamente de parceiro. Ademais, as mulheres argumentaram que o amor não é prioridade nem é o que rege o casamento, a maioria dos jovens valoriza o rock, o sexo e a curtição e considera a família e o casamento uma babaquice.

Destacamos que, em semelhança com essas explicações, em Chaves (2010), os jovens mencionaram a diminuição da tolerância para com outrem. Frisamos também que a frequente busca por prazer e diversão é característica da cultura do tédio (LA TAILLE, 2009). Dessa forma, esses relatos das entrevistadas podem indicar que os relacionamentos amorosos se tornaram mais frágeis nas últimas décadas, distanciando-se do ideal do plano ético (LA TAILLE, 2006) e da ética do cuidado (GILLIGAN, 1982).

Por sua vez, a categoria *'conexão de pessoas/grupos'*, envolveu, na maioria, argumentos explanados pelas participantes do passado, em 1993, pois, para essas mulheres, podemos estar mais próximos uns dos outros, ajudar e complementar mutuamente. As entrevistadas explicaram que as pessoas ficam juntas porque querem, e não por dependência financeira; os jovens são sempre incentivados a questionar as coisas; os pais atribuem as mudanças à geração dos filhos, todos fazem análise e trazem um pouco disso para a relação, e é mais seguro assumir as mesmas posturas dos nossos pais e das pessoas mais velhas. Conforme declarou Paloma: “[...] a gente pode está muito mais próximo do outro”. Esses dados nos remetem ao fato de que a conexão com os familiares (ALVES et al., 2015) foi sublinhada na literatura. Assim sendo, terminadas a apresentação e a discussão dos resultados, teceremos as nossas considerações finais.

Considerações finais

Neste estudo constatamos que todas as entrevistadas consideraram que houve mudanças nas relações amorosas dos casais em geral, de uma geração para a outra. As mulheres explicaram que os casamentos anteriores eram caracterizados pelo machismo, submissão feminina, indissolubilidade do casamento e pela tolerância às infidelidades masculinas.

Elas proferiram que atualmente os sentimentos, principalmente o amor, se inseriram nos casamentos, existe uma igualdade entre casal, as tarefas domésticas são divididas, pois o homem também se responsabiliza por esses afazeres e, que, aproximando-se da ética do cuidado (GILLIGAN, 1982), há mais companheirismo entre os cônjuges. As entrevistadas ainda mencionaram o maior conhecimento entre o casal e as mudanças nos papéis no mercado de trabalho, pois, na geração mais jovem, a mulher trabalha e busca a realização profissional.

Ademais, elas expuseram que o respeito entre as pessoas diminuiu. Tal fato pode prejudicar o desenvolvimento do juízo moral, uma vez que a inserção no universo moral ocorre por meio do respeito unilateral ao adulto e a emergência da autonomia moral depende das relações de respeito mútuo (PIAGET, 1932/1994). Dessa forma, fazem-se necessárias a elaboração e a prática de projetos de intervenção que busquem desenvolver o respeito entre as pessoas de modo geral.

Verificamos que as mulheres entrevistadas em 2013 apresentaram diferenças relevantes quanto à quantidade de respostas ao mencionarem à liberdade e o direito de falar e agir e a independência financeira feminina nos dias de hoje. Elas frisaram que o homem se tornou mais participativo na educação e no cuidado com os filhos, indo de encontro de Jablonski (2010), Carvalho e Paiva (2009) e de Teykal e Rocha-Coutinho (2007) que alegaram que o esposo continua

a exercer um papel de coadjuvante ou de auxiliar no cuidado com os filhos. Essa diferença entre os nossos dados e a literatura pode indicar que estamos em um momento de transição em que coexistem antigos e novos modelos de conduta amorosa, pautando os comportamentos dos casais.

As participantes ainda ressaltaram que a convivência é mais voluntária - embora seja preciso aprender a conviver com as diferenças. Por fim, elas realçaram a fragilidade dos vínculos nos dias atuais, que é contrária à concepção do plano ético (LA TAILLE, 2006). Destacamos que a fragilidade dos vínculos, expressa pelas mulheres, pode estar relacionada com o fato de vivermos em uma cultura do tédio e da vaidade, pois é possível que se torne difícil para algumas pessoas pensar na construção de um projeto de vida ético em uma cultura carente de valores estáveis e de sentido e que valoriza os vencedores em detrimento dos perdedores (LA TAILLE, 2009).

As mulheres entrevistadas, no passado, em 1993, expuseram diferenças relevantes, no que se refere ao número de respostas, ao proferirem que, na geração anterior, havia os tabus acerca do divórcio. Por sua vez, nos casais mais jovens, as participantes disseram que há mais diálogo, sinceridade e honestidade. Contudo, para elas, também há mais instabilidade e ansiedade na sociedade. Tal fato lembra-nos da intensa velocidade em que as coisas se sucedem na cultura do tédio (LA TAILLE, 2009). Além disso, essas mulheres proferiram que a geração mais jovem luta pela felicidade pessoal em detrimento da alheia, o que diverge do plano ético (LA TAILLE, 2006) e da ética do cuidado (GILLIGAN, 1982).

Sobre as justificativas apresentadas para as mudanças nas relações amorosas, houve argumentos que não obtiveram diferenças relevantes entre os relatos das mulheres das duas gerações. Dessa maneira, as participantes alegaram que vivemos um momento de transição que contempla o pós-mercado de

trabalho, as conquistas e a evolução cultural, contribuindo para uma conexão na sociedade. As mulheres explicitaram também o protagonismo da mulher em tecer a própria história de vida. Por outro lado, elas destacaram uma desconexão na sociedade, devido à ausência de modelos de conduta, às guerras e à violência. Referiram-se ainda às relações entre as mulheres e os homens, tanto no âmbito profissional quanto no afetivo.

As participantes entrevistadas em 2013 apresentaram diferenças relevantes quanto à conexão/atuação da mulher na sociedade e à desconexão entre as pessoas e/ou grupos, sendo que a desconexão entre os sujeitos pode indicar que os relacionamentos amorosos estão se tornando mais frágeis e distanciando-se do plano ético (LA TAILLE, 2006) e da ética do cuidado (GILLIGAN, 1982).

Por seu turno, as mulheres entrevistadas no passado, em 1993, apresentaram diferenças relevantes sobre a conexão de pessoas e/ou grupos, em virtude de podermos ajudar e complementar uns aos outros, indo ao encontro da pesquisa de Alves et al. (2015), realizada no campo da Psicologia da Moralidade.

Assim sendo, ressaltamos que este estudo colabora para as pesquisas e fornece subsídios teóricos para profissionais que trabalhem com o tema em questão. Contudo, o fato de ter sido desenvolvido com mulheres jovens casadas, na classe média, sugere a realização de novas pesquisas com sujeitos de todas as idades, do sexo oposto e em outros segmentos sociais, visando melhor compreender o assunto.

Também a desconexão na sociedade e entre pessoas ou grupos, preferida pelas mulheres, destaca a urgência de elaborarmos e de pormos em prática projetos de intervenção em comunidades, escolas e/ou grupos, objetivando desenvolver a concepção de que, para viver uma vida boa e feliz, é necessário considerar o bem-estar de todos.

Referências

ABOIM, S. Da pluralidade dos afetos: Trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.24, n.70, p.107-122, 2009.

AIZPURÚA, R. I.; JABLONSKI, B., FÉRES-CARNEIRO, T. Familias brasileiras y argentinas: Entre la tradición y la modernidad. *Revista Interamericana de Psicología*, v.41, n.2, p.189-196, 2007.

ALENCAR, H. M. Depoimentos de amor: Um estudo sob a ótica feminina. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

ALVES, A. D.; ALENCAR, H. M.; ORTEGA, A. C.; GALVÃO, J. A., FONSECA, T. P. Conceção de amor e moralidade: Estudo sob a ótica de jovens adultas. *Ariús: Revista de Ciências Humanas e Artes*, v.21, n.1, p.105-131, 2015.

ALVES-SILVA, J. D.; SCORSOLINI-COMIN, F., SANTOS, M. A. Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, v.9, n.1, p. 32-50, 2016.

BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

BORGES, C. C., MAGALHÃES, A. S. Individualism, life trajectories and plans of constituting a family. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v.30, n.2, p.177-185, 2013. doi: doi.org/10.1590/S0103-166X2013000200004

CARVALHO, F. C. G., PAIVA, M. L. C. O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. *Boletim de Psicologia*, v.59, n.131, p.223-235, 2009.

CHAVES, J. C. A percepção de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista*, v.16, n.1, p. 28-46, 2010. doi: [10.5752/P.1678-9563.2010v16n1p28](https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2010v16n1p28)

CHAVES, J. C. (2016). Práticas afetivo-sexuais juvenis: Entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. *Psicologia & Sociedade*, v.28, n.2, p.320-330, 2016. doi: [10.1590/1807-03102016v28n2p320](https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p320)

COSTA, J. F. Sem fraude, nem favor: Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, C. B., MOSMANN, C. P. Relacionamentos conjugais na atualidade: Percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP*, v.16, n.2, p.16-31, 2015.

COUTINHO, S. M. S., MENANDRO, P. R. M. Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “Que seja terno enquanto dure”. *Psicologia Clínica*, v.22, n.2, p.83-106, 2010.

DELVAL, J. Introdução à prática do método clínico: Descobrir o pensamento das crianças (F. Murad, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

DEL PRIORE, M. História do amor no Brasil (3º ed.). São Paulo, SP: Contexto, 2012.

DEL PRIORE, M. Histórias e conversas de mulher: Amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história (2º ed.). São Paulo, SP: Planeta, 2014.

GALVÃO, J. A.; ALENCAR, H. M., ALVES, A. D. O ponto de vista de jovens mulheres de duas gerações sobre a possibilidade de manter o amor na conjugalidade. *Semina: Ciências sociais e Humanas*, v.38, n.2, p.159-174, 2017a.

GALVÃO, J. A.; ALENCAR, H. M., ALVES, A. D. Perspectivas futuras sobre os relacionamentos amorosos de mulheres de duas diferentes gerações. *Pensando Famílias*, v.21, n.2, p. 89-104, 2017b.

GALVÃO, J. A.; ALENCAR, H. M., ROSSETTI, C. B. Moralidade e amor: Estudo de caso com mulheres casadas. *Revista Ciências Humanas UNITAU*, v.9, n.2, p.142-155, 2016.

GIDDENS, A. A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. (M. Lopes, Trad.). São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GILLIGAN, C. Uma voz diferente: Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos tempos LTDA, 1982.

GUEDES, D., ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico. *Revista mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, v.6, n.2, p.396-425, 2006.

HECKLER, V. I., MOSMANN, C. P. A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira. *Psicologia Clínica*, v.28, n.1, p.161-182, 2016.

JABLONSKI, B. A divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.30, n.2, p.262-275, 2010.

LA TAILLE, Y. Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

LA TAILLE, Y. Formação ética: Do tédio ao respeito de si. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

LLOSA, M. V. A civilização do espetáculo: Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura (I. Benedetti, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2013.

MARIMÓN, M. M., VILARRASA, G. S. Como construímos universos: Amor, cooperação e conflito (S. M. Felix, Trad.). São Paulo, SP: Editora Unesp, 2014.

MATOS, M.; FÉRES-CARNEIRO, T., JABLONSKI, B. Adolescência e relações amorosas: Um estudo sobre jovens das camadas populares carioca. *Interação em Psicologia*, v.9, n.1, p. 21-33, 2005. doi: 10.5380/psi.v9i1.3283

PIAGET, J. O juízo moral na criança (E. Lenardon, Trad.). São Paulo, SP: Summus, 1994. (Obra original publicada em 1932).

RESOLUÇÃO Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, 2012. Recuperado em 26 de março, 2017, de: http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_12.htm

SECCO, M. L., LUCAS, M. G. A vida amorosa de mulheres financeiramente independente. *Pensado famílias*, v.19, n.1, p.61-76, 2015.

SENNA, M. F. N. Políticas públicas de distribuição de renda sua influência na mobilidade social: O caso da nova classe média brasileira. Dissertação (mestrado). Centro Universitário Unieuro, Brasília, Distrito Federal, 2015.

SMEHA, L. N., OLIVEIRA, M. V. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, v.15, n.2, p.33-45, 2013.

TEYKAL, C. M., ROCHA-COUTINHO, M. L. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. *PSICO*, v.38, n.2, p.262-268, 2007.

Recebido em: 05/10/2018

Aprovado em: 19/12/2018